

PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA MODA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A COLEÇÃO NINA SARGAÇO

Gutianna Michelle de Oliveira Dias / UFPE

Simone Grace de Barros / UFPE

RESUMO

O presente estudo versa sobre a temática da preservação da memória da moda, tendo como objetivo analisar a trajetória de construção, manutenção e ampliação da coleção pessoal de Nina Sargaço no período de 2019 a 2023, localizada na cidade de São Paulo-SP. A coleção é composta por têxteis de diversas tipologias, maquinários, ferramentas, livros, revistas e fotografias todos compreendidos no universo da moda. Dessa maneira, busca-se compreender em profundidade, a trajetória da colecionadora e do seu acervo, desde as decisões de salvaguardar essas memórias por meio de peças de moda até suas motivações para continuar mantendo e ampliando a coleção. Para alcançar o objetivo da pesquisa será feito um estudo de caso sobre a coleção. Nesse texto, em específico, buscou-se apresentar a coleção e sua idealizadora. Além disso, o relato sobre a primeira visita ao campo de estudo.

Palavras-chave: Moda; Memória; Acervo; Estudo de caso.

1. INTRODUÇÃO

Ao pensar em acervos que preservam memórias, pensamos de maneira natural, em grandes estruturas de museus. Os museus são responsáveis por salvaguardar o patrimônio histórico de culturas diversas, incluindo objetos materiais como pinturas, esculturas, indumentária, entre muitos outros. Porém, existem pessoas que possuem coleções/acervos particulares que guardam objetos de muito valor.

O objetivo deste artigo é divulgar a pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign), na Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) de um estudo de caso sobre uma coleção particular que preserva objetos e artefatos relacionados ao universo da moda. A coleção Nina Sargaço está localizada em São Paulo-SP, apesar de não ser um museu, pois não é um órgão institucionalizado, e sim uma coleção particular desempenha atividades semelhantes. A idealizadora dessa coleção chamada Nina Sargaço, começou a reunir esses objetos quando, ao perceber o esvaziamento de práticas de artes e ofícios feitos com agulhas, como por exemplo, o corte e a costura, que são as bases para o design de moda.

Nesse estudo, será abordada como temática principal a preservação da memória da moda a partir desse acervo particular. O embasamento teórico será fundamentado nos estudos de Azzi (2010), que trata de coleções e colecionismo. O autor Bottallo (2015), também apresenta contribuições significativas para este escrito. Apesar de ser um acervo particular, será necessário falar sobre museus, pois, como dito anteriormente, a coleção realiza atividades semelhantes às executadas em museus.

Ao discutir coleções e colecionismo, é inevitável estabelecer uma conexão com a materialidade. Para abordar esse tema, serão trazidas as contribuições do autor Dohmann (2015), que dialoga com as experiências relacionadas aos objetos materiais.

Busca-se situar o leitor acerca do conteúdo do texto. No próximo tópico, intitulado “*O museu e o colecionismo*”, será realizada uma breve contextualização dos museus e do colecionismo. Nesse tópico, serão discutidos alguns conceitos relevantes sobre a temática. Em seguida será abordado o tópico “*A coleção e Nina Sargaço*”, no qual será apresentado um panorama da coleção, bem como um transitório relato sobre Nina Sargaço. Para melhor organização, foi criado um subtópico, uma vez que foi obtida a oportunidade de realizar uma aproximação inicial ao objeto de estudo, ou seja à coleção.

No subtópico intitulado “*A primeira visita de campo*”, é escrito em primeira pessoa, pois trata-se de um breve relato da experiência vivenciada pela pesquisadora. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e a lista de referências bibliográficas que fundamentaram o estudo.

2. O MUSEU E O COLECIONISMO

Associar a salvaguarda do patrimônio histórico de uma cultura geralmente leva a imaginar as grandes estruturas de museus. Segundo Suano (1986), a Origem dos “Museus”, no sentido institucionalizado da palavra, originou-se na Grécia Antiga. “Na Grécia, o mouseion, ou casa das musas, era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado sobretudo para o saber filosófico” (Suano, 1986, p. 10). Logo, na origem etimológica da palavra “museu” já se compreendia um lugar de pesquisa.

No que se refere ao funcionamento dos museus, sua origem remonta inicialmente às coleções particulares. Norogrande (2011) comenta: “Os museus, originários das coleções particulares de senhores, famílias ou ordens estão vinculados aos conceitos de colecionismo e patrimônio. Eles surgem do ato de colecionar e conservar[...]” (Norogrande, 2011, p. 09).

Discutir museus é discutir a prática do colecionismo, Azzi (2010) fala: “Analisar a história dos museus é investigar a história do colecionismo, prática que move o ser humano desde a Antiguidade Clássica” (Azzi, 2010,

p. 11). Portanto, o exercício de colecionar objetos foi o ponto de partida para a criação das instituições museológicas que são conhecidas hoje.

Transformar objetos em patrimônio é garantir a preservação viva de sua memória. “O trabalho museológico permeia o registro, objetiva a manutenção e revisão da Memória, tornando-a o maior patrimônio”, (Merlo; Rahme, 2015, p. 116). As autoras validam a importância do trabalho museológico, esclarecendo a ligação peculiar entre museus, patrimônio e memória. Além disso, como instituições, os museus desempenham um papel social relevante. Sobre isso, Bottallo (2015), discorre da seguinte forma:

[...] o museu é o local por excelência do colecionismo e tem como função principal a Preservação. Decorrente da tarefa de preservação, o museu assume o papel cada vez mais acidentalmente de Divulgação de conteúdo, já que divulgar/comunicar, no universo museológico, faz parte do próprio processo de preservação. (Bottallo, 2015, p. 39).

Isso significa que preservar e divulgar está no centro da missão dos museus. No entanto, essas instituições enfrentam desafios em seu papel social, pois sua manutenção depende de financiamento, doações e de subsídios do Estado.

Ao abordar o colecionismo, é importante destacar as formas pelas quais os objetos colecionados simbolizam algo, pois é por meio dessas formas que eles se tornam representativos e comunicativos. Azzi (2010), afirma que o colecionismo é a construção de uma narrativa, que utiliza elementos que se comunicam e despertam estímulos. Nesse contexto, podemos considerar esses estímulos como evocação de memórias.

Relacionado aos elementos que participam das dinâmicas de moda e que representam as oscilações dos gostos, as roupas eram símbolos do poder. Famílias aristocráticas exibiam suas vestimentas, especialmente

as femininas, para ostentar e demonstrar seu prestígio na sociedade. Azzi (2010), comenta: “[...] no período colonial, os homens da alta sociedade estimulavam a exuberância e a elegância nas vestimentas de suas mulheres, como marca de distinção na sociedade de Côrte.”(Azzi, 2010, p. 23). Essas roupas passavam por várias gerações da mesma família e, ao saírem do circuito comercial, entravam no âmbito do colecionismo, adquirindo outro tipo de simbolismo.

Segundo Stallybrass (2012), “Em primeiro lugar, as roupas têm uma vida própria: elas são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de código para outras presenças materiais e imateriais.” (Stallybrass, 2012, p. 16). Isso significa que ao reconhecer que as roupas têm uma vida própria, pois são presenças materiais com uma existência física e, ao mesmo tempo, carregam significados e códigos que influenciam as interações e nossa identidade. Isso, nos ajuda a entender o papel essencial dos colecionadores que dedicam seu tempo para cuidar desses materiais.

Logo, “[...] se a roupa perde seu sentido original de mera peça de vestuário ou acessório, por outro lado ela adquire novos significados e novas funções, ao se tornar um objeto exposto na vitrine de um museu e não na vitrine de uma loja.” (Azzi, 2010, p. 61). Portanto, à medida que a roupa sai desse ciclo ela surge em novas perspectivas. Quando entra no museu, esse espaço está repleto de sentimentos e signos que remetem à sensação de adquirir novas memórias ou resgatar as existentes, conhecer novas histórias e entender contextos sociais de uma determinada época, por exemplo.

Nesse sentido, o colecionismo e os museus desempenham um papel essencial na preservação da memória da moda, pois permitem a construção de várias perspectivas. No entanto, a preservação desse patrimônio fora do contexto museológico gera curiosidade e reflexão. No próximo tópico, será discutido o objeto de interesse da presente pesquisa, que é um acervo pessoal, embora não apenas o acervo em si, mas também a pessoa responsável por manter esse espaço.

3. A COLEÇÃO E NINA SARGAÇO

Compreender a preservação de objetos de moda em acervos pessoais se torna mais intuitivo quando se associa essa prática à missão dos museus e se explora a ideia de que um acervo pessoal pode desempenhar uma função semelhante à de um museu institucionalizado. Essa reflexão foi despertada por meio da disciplina Moda e Memória, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign), ministrada pela professora Simone Grace de Barros. A autora conseguiu a oportunidade de participar como aluna especial em 2021.

No decorrer das aulas, aconteceu uma mesa-redonda tendo como convidada Nina Sargaço. A colecionadora possui um acervo pessoal no qual preserva artefatos oriundos do universo da moda. Foi conhecendo Nina Sargaço, e sua coleção, que surgiu a proposta desta pesquisa. Sobre a colecionadora Nina Sargaço, encontrou-se uma apresentação feita por Viana (2020) no seu livro, “Almanaque da indumentarista Sofhia Jobim”, descrita com as seguintes palavras:

Nina Sargaço, nascida em 1958, no dia em que o Brasil ganhou sua primeira Copa do Mundo, já nasceu entusiasmada. Sua história é uma alegre colcha de retalhos de atividades profissionais que teve na paixão por costurar o fio constante com que vem costurando a sua vida. Ao cursar uma faculdade de moda quando completou 50 anos, descobriu que já poucas pessoas sabiam costurar. É neste momento que começa a constituir uma coleção que busca reunir os antigos métodos do ensino de corte e costura, riscos de bordados, cadernos de anotações de antigas costureiras e toda sorte de registros das atividades têxteis, também conhecidos como trabalhos

manuais femininos. É a partir deste momento que ela entende a sua missão e o legado que pretende deixar. Nasce então uma arqueóloga cavadora de feiras de antiguidades, brechós e caçambas em busca de preciosidades têxteis descartadas. Atualmente, treze anos depois a Coleção Nina Sargaço é uma coleção particular que conta com espaço próprio na cidade de São Paulo cuja única função é servir. Atende, sob agendamento, a todas as pessoas interessadas. (Viana, 2020, p. 17).

Ao ler essa apresentação, podemos entender um pouco da essência da colecionadora. Afinal, ela ingressou em uma faculdade de moda aos 50 anos e a partir daí começou um projeto de vida que se materializa através da coleção Nina Sargaço, com um motivo claro e específico: deixar um legado que possa, por meio de objetos, contar história e eternizar memórias.

É relevante mencionar que a colecionadora já possui um certo trânsito no mundo da moda. Ela participa de palestras em feiras de artesanato, como a Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEART), que acontece todos os anos na cidade de Recife-PE, além de congressos científicos, mesas-redondas em disciplinas que abrangem a temática.

Sempre com a missão de apresentar a riqueza e a importância da sua coleção tanto para os pesquisadores de moda quanto para a sociedade em geral, no canal do YouTube, Arte é Investimento, em entrevista, ela apresenta sua coleção da seguinte forma:

A minha coleção é uma coleção de artes têxteis domésticas. É o que a gente chamava do trabalho manual feminino que não é nem exclusivamente feminino, né? E aquele trabalho doméstico, um trabalho anônimo basicamente é um trabalho que, vamos usar mulheres por-

que fica mais fácil a nossa linguagem. Que as mulheres faziam dentro de casa. Seja para ornamentação própria, seja para ganhos como os bordados, o corte costura, que é a base de tudo, os bordados, a renda, o tricô, o crochê e a tecelagem manual. Basicamente, minha coleção, ela é salvaguarda, os métodos de ensino desses trabalhos, tá? (Nina..., 2020).

Continua a entrevista mostrando algumas peças da coleção e destaca o grande propósito, que é recuperar as memórias do ensino nos trabalhos manuais feitos com agulhas. Percebe-se o quanto a colecionadora é orgulhosa do trabalho que desenvolve e o quanto sua coleção é rica em peças de moda, como: roupas, chapéus, crochês, tricôs, bordados, livros e revistas que ensinam os saberes e fazeres manuais.

Com esse propósito de colecionar artigos de moda, ela vai tramando sua história e da sua coleção, deixando um legado e uma valiosa contribuição para a preservação da memória da moda. Pode-se ainda ir além, atribuindo uma poderosa contribuição para a cultura no Brasil.

O acervo pode ser encontrado virtualmente através do Instagram criado para divulgação, chamado @colecacao_ninasargaco. Na última visita feita no perfil, em 14/06/2023, constavam 2.272(Duas mil duzentas e setenta e duas) postagens. O conteúdo das publicações é combinado entre imagens das peças do acervo, o estado como chegam, alguns processos de limpeza e armazenamento.

Uma informação importante é como são adquiridas as peças. Segundo a própria colecionadora, são recebidas doações de terceiros, existem fornecedores que trabalham em feiras de antiguidades, além de algumas pessoas que trabalham em lixões que sabem o trabalho que ela desenvolve, disponibilizando o que é encontrado nos resíduos para o acervo.

Abaixo segue uma fotografia da sala e da coleção retiradas do Instagram @colecacao_ninasargaco:

Figura 1-Coleção Nina Sargaço



Fonte: Instagram @colecacao_ninasargaco.

Na figura 1, pode-se ver um registro feito pela colecionadora da coleção. Esse mundo de materialidade visto na imagem pode conter muitos recortes, revelando assim a diversidade de objetos que compõem o acervo.

Dohmann (2015), afirma: “O objeto é, portanto, prova documental que imprime suas marcas nos indivíduos, criando interna e externamente um processo dinâmico, comunicativo e intercultural” (Dohmann, 2015, p. 72). Logo, as evidências sobre quem é Nina Sargaço estão impressas na sala. Por meio de uma variedade de objetos, vai-se construindo, divulgando e expandindo a coleção.

No subtópico a seguir, será apresentado um breve relato da primeira visita da pesquisadora à coleção. Com um intuito de entender o universo a ser pesquisado essa aproximação foi necessária.

A PRIMEIRA VISITA DE CAMPO

Nesse momento, pede-se licença ao leitor para escrita em primeira pessoa. Utilizando o método científico “diário de campo” com intenção de se aproximar da experiência da pesquisadora ao fazer a primeira visita para Nina Sargaço e à coleção.

Ceguei ao acervo de Nina Sargaço na tarde de 25/05/2023, por volta das 14h30. Fui recebida com muito bom humor, de braços abertos e com grande entusiasmo. Ao entrar na sala, era difícil conter a emoção e não a expressar verbalmente. Ela me apresentou a sala de maneira superficial sempre com a promessa: “Vamos fazer um tour pela coleção daqui a pouco”. Entre conversas outras, expliquei o objetivo da minha presença e falei um pouco sobre mim.

Após isso, e após longas conversas sobre a pesquisa, o acervo e até sugestões de museus que eu deveria visitar em São Paulo, iniciamos o tour. Começamos já no final da tarde. Nina me mostrou como ela dividia os nichos, que ela chama de “tocas”, e explicou a dinâmica de separação deles. Cada toca, basicamente, representava um setor no qual ela tinha uma história para contar.

O conhecimento de Nina era notável, e ela explicou de forma didática. Passamos quase quarenta minutos no *tour*, durante os quais filmei todo o percurso. Paramos em locais que, na minha interpretação, eram de grande interesse para a colecionadora. Um exemplo foi o gabinete de curiosidades, nome que ela mesmo havia atribuído. Era uma cristaleira, um móvel de madeira com acabamentos em vidro, que continha uma variedade impressionante de objetos.

No gabinete, encontravam-se diversos itens relacionados ao universo do corte e costura, como agulhas de diferentes tipos, porta alfinetes e porta dedais feitos de sortidos materiais, provenientes de vários lugares do mundo. Uma história interessante foi a de um souvenir de guerra: um porta pente e um pequeno frasco de perfume, como a ela os denominou, ambos com trabalhos de bordado. Nina explicou sobre essas peças:

Eles são todos feitos na Áustria ou na Alemanha, e eles eram bordados por mulheres no pós-guerra, em pequenos retalhos de tecidos que sobraram, para fazer souvenir para vender para os soldados da ocupação Russa, inglesa e americanos. Compravam isso daqui para levar para suas esposas no retorno da guerra. Isso era uma forma de sustento para as mulheres que estavam todas viúvas e cheias de filhos. (Sargaço, 2023. Informação verbal)

Percebi em sua fala um grande apreço por aquelas peças; aquele gabinete de curiosidades, de fato, ocupa um lugar especial na coleção. Como pesquisadora, encontrei-me em uma situação desafiadora, no bom sentido. O tempo que pude passar lá me fez perceber que uma visita não seria suficiente. A ideia inicial de ir ao campo de pesquisa era, justamente, entender o universo de amostras existente. No entanto, meu universo estava se tornando cada vez mais rico, com inúmeras possibilidades de recortes.

À medida que as tocas eram apresentadas, o universo têxtil se revelava de forma sublime. Dentre as diversas peças, encontrava-se toalhas com diferentes tipos de rendas, vestidos e enxovais de noivas, roupas de bebês, entre outros itens. Quanto à bibliografia, esta era igualmente diversificada, incluindo livros sobre rendas, bordados, moldes de corte e costura, bem como revistas com ensinamentos de artesanato.

Durante o passeio pela coleção, ela enfatizava em várias ocasiões: “A coleção Nina Sargaço conta a história dos trabalhos manuais” (Sargaço, 2023. Informação verbal). Sobre isso, Merlo e Caracio (2012), falam: “As coleções particulares ganham tal dimensão, ou seja, determinada coleção perde o valor de agregação de status para uso privado e passa a ser “objeto de arte” para apreciação coletiva.” (Merlo; Caracio, 2012, p. 08). Isto é, com relação a coleção Nina Sargaço, todos aqueles objetos são considerados, pela colecionadora, objetos de Arte.

Minha primeira visita à coleção encerrou por volta das 19h45; eu estava animada com o que havia sido apresentado. Essa aproximação inicial foi de extrema importância nesse estágio da pesquisa, pois pude entender melhor o campo e estabelecer esse primeiro contato com a idealizadora da coleção, abrindo questionamentos e delineando os diversos caminhos que a pesquisa poderia tomar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem como objetivo divulgar a pesquisa em curso no Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign) da UFPE, que se trata de um estudo de caso sobre a coleção Nina Sargaço. Para isso, foi realizada uma breve contextualização sobre museus e colecionismo, seguida pela apresentação da coleção Nina Sargaço e sua idealizadora, que nomeou a coleção com seu próprio nome. Nesse mesmo tópico, abordou-se um pouco da história desses dois elementos, que embora possam ser estudados separadamente, fazem parte de um único processo.

Além disso, foi mostrada uma imagem da sala que comporta a coleção, apresentamos a idealizadora e a coleção. Em seguida, foi elaborado um subtópico descrevendo a primeira visita da pesquisadora a coleção, com o objetivo de estabelecer uma aproximação inicial com o campo de pesquisa. Nesse relato, detalhou-se o primeiro contato e as primeiras impressões ao se deparar com uma sala que guarda uma grande quantidade

de materialidades impregnadas com diversas memórias, incluindo memórias de pessoas comuns e sua vida cotidiana.

É importante reconhecer os limites desse estudo. Embora tenha sido explorado alguns pontos e haja a intenção de elaborar um produto final, que consiste na dissertação, é necessário realizar recortes, uma vez que o acervo é vivo, dinâmico e está em constante expansão. Logo, é uma tarefa complexa abranger todas as nuances presentes no acervo.

No entanto, é válido ressaltar os diversos desdobramentos que a coleção Nina Sargaço pode proporcionar, devido à sua riqueza e diversidade. Constitui praticamente convite para pesquisas sob diversas perspectivas de estudo, utilizando abordagens interdisciplinares que envolvam áreas como história, sociologia, antropologia e estudos culturais, a fim de enriquecer ainda mais nossa compreensão das memórias da moda e seu impacto na construção social.

Portanto, espera-se que este estudo seja um ponto de partida para futuros pesquisadores interessados em explorar a coleção Nina Sargaço, contribuindo assim para uma apreciação mais aprofundada não apenas da preservação da memória da moda, mas também da moda como um fenômeno cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Capes pela bolsa, que está possibilitando o desenvolvimento dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

AZZI, C. F. **Vitrines e coleções: quando a moda encontra o museu**. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2010.

BOTTALLO, M. Museus e o processo colecionista: acervos materiais e imateriais e o ambiente virtual. Em: MERLO, M. (Ed.). **Memórias e museus**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2015. p. 37–49.

DOHMANN, M. O objeto e a experiência material. **Ouvirouver**, v. 11, n. 2, p. 70–77, 2015.

INVESTIMENTO, A. É. **Nina Sargaço - Coleção de trabalhos manuais têxteis e seus métodos pedagógicos (rendas e bordados)**. Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bBIJ_cqxETM&ab_channel=ArteéInvestimento>. Acesso em: 22 fev. 2022

MERLO, M.; CARACIO, K. Moda e Indumentária aplicada ao estudo da museologia. **ModaPalavra e-periódico**, n. 10, 2012.

MERLO, M.; RAHME, A. M. A moda e o museu: uma experiência no espaço digital. Em: MERLO, M. (Ed.). **Memórias e museus**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2015. p. 113–133.

NOROGRANDO, R. **COMO É FORMADO O PATRIMÔNIO CULTURAL: Estudo museológico em Portugal na temática Traje / Moda**. Coimbra-PT: [s.n.].

SARGAÇO, N. **Coleção Nina Sargaço**. São Paulo-SP: Informação verbal, 25 mai. 2023.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx roupas, memória, dor**. Tradução: Tomaz Tadeu. 4ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

SUANO, M. **O QUE É MUSEU**. São Paulo-SP: Editora Brasiliense S.A, 1986.

VIANA, F. **Almanaque da indumentarista Sophia Jobim: um guia de indumentária, moda, reflexões, imagens e anotações pessoais**. São Paulo-SP: Escola de Comunicação e Artes Universidade de São Paulo, 2020.

Para acessar o perfil da coleção no instagram acessar o link: https://www.instagram.com/colecao_ninasargaco/

